

Aspectos da Semântica da Comparação Metalingüística

Luisandro Mendes de Souza¹, Roberta Pires de Oliveira²

¹Universidade Federal de Santa Catarina (PG – UFSC/CNPq)

²Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/CNPq)

mendesouza21@yahoo.com.br, pires@cce.ufsc.br

Resumo. *Apresentamos neste trabalho um primeiro conjunto de resultados prévios da análise da chamada comparação metalingüística. Mostramos algumas características que a diferem sintática e semanticamente das comparativas canônicas. Por fim, discutimos a proposta de análise de Giannakidou & Stavrou (2008) e mostramos que ela faz previsões indesejadas, a principal é considerar as CMs como um domínio intensional, o que não é verificado empiricamente. Nossa hipótese será argumentar que CMs se comportam como predicados de gosto (cf. Lasersohn, 2005) seguindo sugestão de Lechner (2007).*

Abstract. *This paper presents some preliminary results on the analysis of metalinguistic comparatives. We show based on syntactic and semantic characteristics that canonical comparatives and metalinguistic ones are different. Giannakidou & Stavrou (2008) proposal is discussed and we argue that it makes undesired predictions, such as consider this sentences as an intensional domain, what is not attested empirically. Our hypothesis follow Lechner's (2007) suggestion that this kind of comparative behaves like a taste predicate (in the sense of Lasersohn, 2005).*

Palavras-chave: comparação metalingüística; semântica;

1. Introdução

Na defesa de mestrado de Mendes de Souza (2006), o prof. Rodolfo Ilari chamou-nos a atenção para um tipo muito particular de comparação, exemplificada em (1). Suponha que essa sentença seja proferida numa situação em que se descreve um evento em particular no mundo:

(1) O Soprano mais falou do que cantou, durante a execução do primeiro ato.

A sentença em (1) na situação vislumbrada não compara quantidades de eventos, mas afirma qual a melhor descrição para um evento em particular, um único objeto no mundo, e compara duas descrições possíveis para o mesmo evento. Assim, (1) pode ser parafraseada por:

(2) Segundo o falante, o evento cujo agente é o soprano, é melhor descrito como sendo um evento de falar do que como um evento de cantar.

Há inúmeras questões embutidas nessa paráfrase e o objetivo deste artigo é discuti-las e fornecer algumas respostas preliminares: (i) segundo o falante deve ou não estar na forma lógica? Nossa resposta será negativa, dada a argumentação apresentada em

Lechner (2007), indexicalizar o falante na forma lógica traz resultados indesejados; (ii) trata-se de uma comparação de propriedades? Diremos que o que estamos comparando nestas construções é a melhor descrição de um mesmo objeto no mundo como X ou como Y; (iii) estamos no domínio do intensional? Não, CMs não apresentam características de sentenças intensionais, pois veremos que elas não são opacas.

Seguindo McCawley (1976), Klein (1991) chamaremos esse tipo de comparação de comparação metalingüística ; estabelecendo, portanto, um paralelo com o fenômeno da negação metalingüística, exemplificada em (3):

(3) Maria não é bonita, é linda.

Em que se nega ser apropriado descrever a Maria como bonita, já que sua beleza está um grau acima, embora a proposição de que ela é bonita não seja negada, já que esses adjetivos formam uma escala, em que linda está acima de bonita . Da mesma forma, afirma-se em (1) que é apropriado descrever o evento como falar; sem, no entanto, negar que é possível descrever o evento como um evento de canto.

Assim como na negação metalingüística, as sentenças de comparação metalingüística (CM) são caracterizadas por aparentemente não apresentarem a interpretação usual das sentenças comparativas. Veja o exemplo abaixo:

(4) Bart é mais alto do que Lisa.

Qualquer que seja a teoria apropriada da comparação,¹ a interpretação intuitiva que temos para (4) é que ela é verdadeira se o grau de altura de Bart é maior do que o grau de altura de Lisa . Quando nos referirmos a comparativas canônicas teremos em mente sentenças como (4) e sua interpretação usual.

Como é fácil notar, na parafrase em (2) não há um grau máximo comparado a outro grau. Uma parafrase como o grau em que o Soprano falou é maior do que grau em que o Soprano cantou não capta a interpretação intuitiva que temos, mas se aplica facilmente a sentença (4), em que há uma escala variando do mais baixo ao mais alto. Para fazermos aparecer um grau, na interpretação da sentença em (1), precisaremos discutir as várias questões levantadas.

Antes de entrarmos diretamente na discussão destas construções, é importante notar que a CM parece se assemelhar a outros tipos de comparação não-canônicas, exemplificados abaixo:

(5) Esta cadeira é mais cadeira do que aquela.

(6) João é mais alto do que Pedro é baixo.

Em (6), afirma-se de uma cadeira em particular que ela é um exemplar melhor de cadeira do que uma outra cadeira é um exemplar de cadeira. Note que nesse caso estamos tratando o conceito de cadeira como um protótipo, em que há gradações do pior para o melhor exemplar. Por isso, chamaremos esse tipo de comparação de prototípica. (6) pode ser parafraseada, seguindo Kennedy (1997) como: a extensão na qual João excede um padrão de altura é maior do que a extensão na qual Pedro excede um padrão de baixeza . Ou seja, tanto João quanto Pedro estão além do que conta como alto e baixo no contexto relevante.

¹ Ver, por exemplo, von Stechow (1984), Kennedy (1997), Schwarzschild & Wilkinson (2002), Heim (2006), entre outros.

Provavelmente, (5) pode ser analisada da mesma forma que a CM, mas não entraremos nesse mérito neste trabalho. Mas cabe ressaltar duas diferenças que nosso objeto possui em relação a comparação de desvio (CD). Primeiro, construções de comparação de desvio comparam duas extensões na qual dois objetos diferem de um valor padrão relevante (Kennedy, 1997: 218). E segundo, nas construções de CD a verdade dos dois conjuntos é acarretada. De (6) podemos inferir (7) e (8):

(7) João é alto

(8) Pedro é baixo.

Como veremos, na CM é acarretada a verdade apenas da sentença principal, a verdade da encaixada é uma implicatura que pode ser cancelada. Como G&S (2008: 4) apontam, o mesmo acontece no grego em relação a encaixada, mas elas nada falam sobre a principal.

Este artigo procura responder a alguns dos problemas que a CM coloca em termos semânticos e sintáticos. Na primeira seção, analisamos a distribuição e alguns outros exemplos de sentenças que envolvem CM no PB, como uma tentativa de melhor caracterizar este tipo de comparação. Conscientes de que a semântica e a sintaxe das orações comparativas levantam mais questões do que há respostas estabelecidas na literatura para elas, na segunda parte deste artigo apresentamos criticamente alguns estudos que analisaram casos similares em línguas como o inglês (McCawley, 1976; 1988; Embick, 2007) e o grego (Giannakidou & Stavrou, 2008). Por fim, nossa sugestão é que a comparação metalingüística pode ser analisada nos mesmo moldes que os predicados de gosto (taste predicates cf. Lasersohn, 2005).

2. Formação da CM

Podemos na comparação usual comparar elementos de praticamente quaisquer categorias lexicais: adjetivos, verbos, advérbios, nomes e sintagmas preposicionados.

- | | |
|---|-----|
| (9) Bart é mais alto do que Lisa. | A |
| (10) Homer dorme mais do que trabalha. | V |
| (11) Barney bebeu sua cerveja mais rápido do que Homer. | Adv |
| (12) Marge fez mais biscoitos para Lisa do que para Bart. | N |
| (13) Homer fala mais do Flanders do que fala com ele. | PP |

Na construção da CM as mesmas categorias podem ser empregadas. A diferença é que podemos comparar nomes em posição atributiva, e quando comparamos VPs a comparação é sobre todo o constituinte como em (18):

- | | |
|---|------|
| (14) Bart é mais <i>esperto</i> do que <i>inteligente</i> . | AP |
| (15) Marge mais <i>fala</i> do que <i>canta</i> . | VP |
| (16) Lisa tocou o sax mais <i>tristemente</i> do que <i>apaixonadamente</i> . | AdvP |
| (17) Homer é mais um <i>porteiro</i> do que um <i>inspetor de segurança</i> . | NAtb |
| (18) Homer mais fala <i>DO Flanders</i> do que <i>COM o Flanders</i> . | PP |

Enquanto nas comparativas canônicas a relação comparativa é sobre a categoria sobre a qual o morfema atua, de alguma forma, na sintaxe o DegP está relacionado com a categoria quem modifica, possivelmente em uma relação de núcleo complemento:

(19) [... [DegP [Deg [Deg mais ... [XP (AP/VP/AdvP)]]]]]

Por sua vez, na CM, o *mais* se comporta como um advérbio sentencial, e uma forma lógica possível seria:

(20) [mais [P] [do que Q]]

Vamos investigar com maior detalhe alguns aspectos da sintaxe destas construções.

2.1. Sobre a posição do *mais*

Vale notar também que da mesma forma que podemos mover o morfema comparativo *mais* nas construções comparativas canônicas, podemos também movê-lo na CM.

(21) Bart é mais alto do que Lisa.

(22) Bart é alto, mais do que Lisa.

Entretanto, se o *mais* está adjacente à preposição (23) e não descontínuo (24) a interpretação metalingüística parece ser preferencial, mas ambas requerem um contorno entoacional específico.

(23) Moe é doente mais do que depravado.

(24) Moe é mais doente do que depravado.

Enquanto (23) deve ser lida como Moe é doente , seguida por uma breve pausa, com contorno ascendente, descendente, com o constituinte mais do que depravado funcionando como uma coda, em (24) o acento proeminente parece se dar sobre mais doente , e a coda seria do que depravado . Entretanto, a interpretação metalingüística parece mais proeminente no primeiro caso.

Temos também uma diferença de comportamento sintático quanto a possibilidade de movimento que a oração encaixada permite. O constituinte [mais do que] pode ser movido para a frente da sentença nas CM , mas se quebramos esse constituinte (26) essa leitura não está mais disponível. Contrastando (25-26) com (27-28) vemos que podemos mover somente a expressão [do que ...] para a frente da sentença nas comparativas canônicas, enquanto isso não é permitido na CM.

(25) mais do que obeso, Homer é gordo.

(26) * do que obeso, Homer é mais gordo.

(27) do que o Paulo, o João é mais gordo.

(28) Do que o Paulo, a Maria trabalha mais.

Também temos um contraste na formação de perguntas a partir de uma sentença de CM e de uma comparação canônica. Enquanto nesta a expressão-Qu pode ficar in situ ou se mover, naquela o movimento parece ser proibido. (31) parece ter um caráter de pergunta-eco.

(29) *Mais do que o quê Homer é gordo?

(30) *do que ele é o quê Homer é mais gordo?

(31) Homer é mais gordo do que ele é o quê?

(32) Homer é mais gordo do que quem?

(33) Do que quem Homer é mais gordo?

Essas diferenças apontam para uma estrutura sintática distinta da que é assumida para a comparação canônica. Brito & Matos (2002) defendem que as comparativas regulares são estruturas coordenadas, mas com características que as aproximam das correlativas. Marques (2003) discute a proposta delas e aponta que as propriedades sintáticas das orações comparativas seriam melhor capturadas assumindo-se que elas são uma espécie de relativa. Não entraremos nesta discussão nesse momento, mas vale apontar que qualquer que seja a sintaxe assumida para uma ou outra estas diferenças precisam ser explicadas.

3. Propostas para a Semântica da Comparação Metalingüística

Antes de entrarmos diretamente na discussão das propostas vamos primeiro apresentar uma rápida caracterização da CM.

(i) os constituintes comparados devem ser da mesma categoria, ou melhor, pertencer ao mesmo domínio contextual. Ser de mesma categoria sintática explica a estranheza de (34), mas não explica a de (36). Portanto, por ora assumiremos que um mesmo tipo de ‘domínio contextual’ é relevante para a interpretação destas sentenças.

(34) # Bart é mais esperto do que come biscoitos.

(35) Bart é mais rápido do que trapaceiro.

(36) #Homer é sincero mais do que preguiçoso.

(ii) adjetivos podem introduzir escalas diferentes:

(37) Homer é engraçado mais do que inteligente.

(iii) quando comparamos verbos a interpretação é de melhor descrição de um dado evento, o que impede que (39) tenha uma leitura metalingüística, já que estamos comparando eventos diferentes, e a única interpretação possível para esta sentença é a comparação entre o tempo em que um e outro evento aconteceu.

(38) Pedro mais cantou do que falou.

(39) # Pedro mais cantou do que jogou futebol.

(iv) o falante está comprometido somente com a verdade positiva do primeiro conjuncto, a verdade do segundo parece ser uma implicatura. O que explica o cancelamento de (41) e a estranheza de (42), que soa uma afirmação contraditória.

(40) João é mais esperto do que inteligente.

(41) João é mais esperto do que inteligente. De fato, eu acho que ele não é inteligente.

(42) # João é mais esperto do que inteligente. De fato, eu acho que ele não é esperto.

Isto posto, vamos apresentar agora as propostas para a semântica da CM.

A primeira proposta foi o recente artigo de Giannakidou & Stravrou (2008). Mas antes de discutirmos ela, Klein (1991: 686) já apontava que na literatura em semântica

muito pouco havia sido dito sobre este tipo de comparação. Para ele, a interpretação de (43) deveria ser algo como em (44):

(43) Sue is more sad than angry.

Sue é mais triste do que brava.

(44) $\|x \text{ é mais A do que B}\| = 1$ sse $\|x \text{ é A}\| = 1$ e $\|x \text{ é B}\| = 0$

De acordo com (44), a sentença (43) será verdadeira se a proposição Sue está triste é verdadeira e a proposição Sue está brava é falsa. Mas é fácil ver que isso não capta corretamente a nossa intuição. O próprio autor reconhece e sugere que uma melhor paráfrase seria: **x é mais A do que B** é verdadeira sse **x é A** é verdadeira por mais critérios do que **x é B**.

Se (44) fosse o caso, esperaríamos que (45) usada para descrever um evento de canto fosse verdadeira, mas ela nos parece estranha, já que os elementos comparados são incompatíveis como descrição de um mesmo evento.

(45) # O soprano mais falou do que correu, durante o primeiro ato.

G&S (2008) argumentam que há evidências de que a CM está gramaticalizada em grego com a expressão *para* (do que). Isso é assumido considerando que a comparação canônica em nessa língua usa a expressão *apoti* (ap-oti equivalente a *de-que*) para a comparação oracional, comparativos cujo complemento é uma oração, e *apo* (que é uma preposição, equivalente a *de*) para os comparativos sintagmáticos, cujo complemento de *apo* é qualquer constituinte de natureza não-oracional. Assim como em PB, a CM pode ser feita a partir de diferentes categorias.

(46) O Pavlos ine perissotero/pjo poli ekpsinos para erghatikos. (A)
 O Paulo é-3s mais inteligente do-que trabalhador
Paulo é mais inteligente do que trabalhador.

(47) O Pavlos ine perissotero/pjo poli filologhos para glossologhos. (N)
 o Paulo é-3s mais filólogo do que lingüista
Paulo é mais um filólogo do que um lingüista.

(49) Ghnorizo tin Elena perissotero para ton adherfo tis. (DP)
 conhecer-1s a Elena mais do-que o irmão seu.
Eu conheço a Elena mais do que o irmão dela.

(50) Perissotero xazevi para dhjavazi. (VP)
 mais está perdendo tempo do-que estudando.
Ele está mais perdendo tempo do que estudando..

(51) Perissotero taksidevi me to treno para me to leoforio. (PP)
 mais viajar.3sg com o trem do-que com o ônibus
Ele viaja mais de trem do que de ônibus.

(46-51) não são comparações canônicas em grego, i.e. comparações entre graus. Exemplificando, (51) é melhor traduzida/parafraçada como (53) e não como (52):

(52) Ele viaja mais (freqüentemente) de trem do que de ônibus.

(53) É mais apropriado dizer que ele viaja de trem do que é apropriado dizer que ele viaja de ônibus .

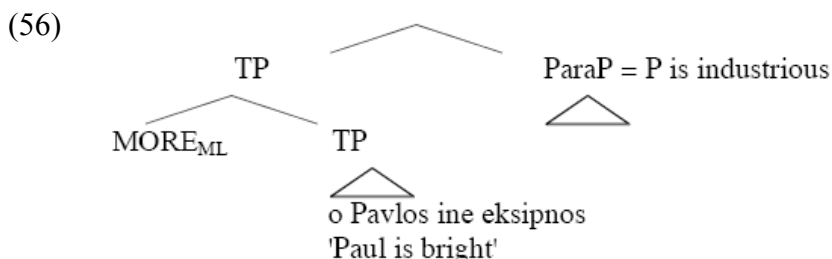
G&S mostram que os *para*-comparativos não podem ser lidos como uma comparação regular. Uma evidência é a impossibilidade de ocorrer um sintagma de medida em tais construções. É fácil perceber que o mesmo se aplica para o PB.

(54) Kiki {ine pjo psili/exi ipsos parapano} para **dio metra**.
Kiki {é mais alta/tem altura maior}do-que dois metros.

Vamos a proposta delas: (i) há um item para expressar a CM no léxico, pelo menos no grego; (ii) o operador de CM conecta duas proposições, a oração matriz e a oração *para*, comparando as proposições nos termos em que são mais apropriadas ou preferíveis para o falante. A semântica do operador é apresentada da seguinte forma:

(55) $[[\text{MORE}_{ML}]] = \lambda p \lambda q. \exists d [R(a)(p)(d) \wedge d > \max(\lambda d [R(a)(q)(d)])]$
 (Giannakidou & Stavrou, 2008: 8)

O operador toma dois argumentos proposicionais, *p* e *q*, e os compara de acordo com o grau no qual o falante acredita, prefere, ou deseja que seja apropriado afirma-los . Temos uma relação proposicional gradual *R* e uma âncora individual *a*. Parafraseando, o falante acredita no grau *d* que a proposição *p* é apropriada mais do que ele acredita que a proposição *q* é apropriada. Para clarificação, a sintaxe que apresentam é (56):



Há entretanto alguns problemas com a proposta delas: a) há uma discrepância entre sintaxe e semântica. Não há correlato sintático para o verbo de atitude proposicional ou para a âncora de indivíduo; b) o verbo de atitude proposicional é tratado como gradual, dado que é composto do adjetivo comparativo “mais apropriado”; c) ambas as proposições estão sob o escopo de um operador intensional de crença, logo sua verdade não pode ser acarretada.

Lechner (2007:11) nos mostra que apesar de aparentemente ser um domínio intensional, sentenças de CM não são domínio opacos, pois permitem substituição *salva veritate*:

- (57) a. DoménicosTheotokópoulos is more an Expressionist than a Mannerist.
 b. DoménicosTheotokópoulos is El Greco.
 c. → El Greco is more an Expressionist than a Mannerist.

Caso houvesse um operador intensional, mesmo não-pronunciado nesse tipo de sentença, deveríamos esperar que elas induzissem opacidade referencial, o que não ocorre.

O autor também mostra, baseando-se no trabalho de Lasersohn (2005), que se há um indexical silencioso na CM, o diálogo em (58) deveria ser tão infeliz quanto (59) é.

- (58) A: El Greco is more an Expressionist than a Mannerist.
B: No, he is not. El Greco is more a Modernist than a Mannerist.
- (59) A: El Greco is more an Expressionist to me than a Mannerist.
B: #No, he is not. El Greco is more a Modernist than a Mannerist.

Resumindo: sentenças de CM não são domínios opacos; () evidencia que não há um indexical silencioso conectando a proposição com o falante, a âncora individual assumida por G&S.

Longe de uma conclusão, seguiremos a sugestão de Lechner, para quem a CM possui propriedades semânticas similares às apresentadas pelos predicados de gosto, que não são domínios intensionais, e possuem o mesmo comportamento em relação ao contraste em (58-59), no sentido de não haver um elemento indexical oculto. Predicados de gosto são expressões do tipo *ser divertido*, *ser bom* (*be fun*, *taste good*), que parecem requerer um parâmetro de julgamento. Da mesma forma que com a comparação metalingüística comparamos o quão apropriado uma descrição/um predicado se aplica a um sujeito, predicados de gosto precisam de um parâmetro contra o qual possam ser julgados verdadeiros. Algo *ser divertido*, *ser bom/gostoso* depende não apenas de um padrão contextual, mas de um parâmetro de julgamento.

4. Referências

Bresnan, Joan. Syntax of the Comparative Clause Construction in English. *Linguistic Inquiry* 4.3: 1973, pg. 275-343.

Embick, David. Blocking effects and analytic/synthetic alternations. *Natural Language and Linguistic Theory*. 25:1, 2007, pg. 1-37.

Giannakidou, Anastacia. & Stavrou, Melita. [Metalinguistic contrast in Greek](#): para comparatives and metalinguistic negation. *MIT Working Papers in Linguistics*, in print (2008).

Kennedy, Christopher. *Projecting the adjective*. PhD thesis. University of California, Santa Cruz, 1997.

Klein, Ewan. Comparatives. In: In von Stechow, A. and Wunderlich, D. (eds.), *Semantik: Ein Internationales Handbuch der Zeitgenössischen Forschung*. Berlin: Walter de Gruyter, 1991.

Lasnik, Peter. Context Dependence, Disagreement and Predicates of Personal Taste. *Linguistics and Philosophy*. 28: 2005, pg. 643-686.

Lechner, Winfried. Metametacomparatives: comments on Metalinguistic Contrast in the Grammar of Greek. In Proceedings of Workshop on Greek Syntax and Semantics, MIT, Department of Linguistics & Philosophy, May 20-22 2007.

McCawley, James. *Grammar and Meaning*. Academic Press Inc., 1976.

_____. *The syntactic phenomena of English*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

MATOS, Gabriela & Brito, Ana Maria. On the Syntax of Canonical Comparatives in European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*. vol. 1, n.º 1: 2002, pg. 41-81.

Merchant, Jason. Phrasal and clausal comparatives in Greek and the abstractness of syntax. *ms.* 2006.